

Entre a Antiga e a Nova Pátria: narrativas de três gerações de uma família imigrante (Colônia de Entre Rios, Guarapuava – PR)

Resumo

O artigo apresenta uma análise de entrevistas produzidas com membros de três gerações de uma família da Colônia Entre Rios, localizada no município de Guarapuava, Paraná. A Colônia foi constituída no início da década de 1950 com chegada de cerca de 500 famílias de refugiados da Segunda Guerra Mundial, identificados como suábios do Danúbio (*Donauschwaben*), oriundos, em sua maioria, de campos de refugiados da Áustria. O foco da análise são as formas como os entrevistados constroem suas histórias de vida e a relação que estabelecem com o “lugar de origem”, na antiga Iugoslávia, representada como antiga pátria, e Entre Rios, a nova pátria construída no Brasil.

Palavras-chave: História Oral. Suábios do Danúbio. Imigração. Refugiados. Entre Rios (Guarapuava, PR).

Para citar este artigo:

FROTSCHER, Méri; STEIN, Marcos Nestor. Entre a Antiga e a Nova Pátria: narrativas de três gerações de uma família imigrante (Colônia de Entre Rios, Guarapuava – PR). *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 378 - 409, abr./jun. 2018.

DOI: 10.5965/2175180310242018378
<http://dx.doi.org/10.5965/2175180310242018378>

Méri Frotscher
Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFPR). do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).
Marechal Cândido Rondon - PR - BRASIL
merikramer@hotmail.com

Marcos Nestor Stein
Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
Marechal Cândido Rondon - PR - BRASIL
mancha36@hotmail.com

Between the old and the new homeland: narratives of three generations of an immigrant family (Colony Entre Rios, Guarapuava – PR)

Abstract

This article analyses interviews produced with members of three generations from the same family in the colony of Entre Rios, located in Guarapuava, Paraná State. The colony was founded at the beginning of the 1950s, with the arrival from about 500 families of World War II refugees, identified as Danube Swabians, who mostly have lived in refugee camps in Austria. The analysis focuses the different ways in which the interviewees shape their life stories and how they connect the “local of origin”, in former Yugoslavia, represented as the old homeland, with Entre Rios, the new homeland builded up in Brazil.

Keywords: Oral History. Danube Swabians. Immigration. Refugees. Entre Rios (Guarapuava, PR).

“[...] mas quando a pessoa perde a sua pátria, demora muito para que ela se arranje na vida.” (Johann R., 2009)

“[...] meus pais vieram da Europa, meus dois irmãos também, e eu nasci aqui no Brasil. Sou brasileira com muito orgulho.” (Anna R. D., 2013)

“[...] depois que eu fui pro quartel, eu tive que sair, eu tive que romper esse cordão umbilical que me segurava aqui [na colônia Entre Rios], sabe?” (Harry R., 2013)

As três epígrafes acima, trechos de entrevistas com membros de três gerações de uma mesma família, referem-se à relação que eles estabeleceram com os dois lugares de maior referência na sua história familiar: o lugar de “origem”, na ex-lugoslávia, representada enquanto pátria “perdida” e/ou “antiga pátria,” e o lugar de destino no Brasil, classificado como a nova e promissora pátria: a colônia de Entre Rios, localizada no município de Guarapuava, Paraná. A colônia se originou em 1951, a partir da instalação de cerca de 2.500 refugiados da Segunda Guerra Mundial, que se identificam como suábios do Danúbio (em língua alemã: *Donauschwaben*)¹ (STEIN, 2011).

Nosso propósito neste artigo é apresentar uma análise de entrevistas² feitas com avô, filha e neto, o primeiro deles refugiado de guerra e imigrante, com o intuito de perceber como narram suas histórias de vida e as relacionam com as histórias de deslocamentos vividos, entre eles, a expulsão da antiga pátria e a imigração para o Brasil. Mais especificamente, buscamos apreender qual a relação que estabelecem com os espaços (o da “pátria de origem”, ou o da “antiga pátria,” e o da nova pátria no Brasil), a mudança de sentidos em relação ao lugar “de origem” (no Sudeste europeu) entre as gerações e a configuração de territórios e identidades culturais.³

O texto a seguir trata, portanto, da “memória comunicativa”, campo da História Oral, a qual, segundo Jan Assmann (1995, p. 126), compreende um horizonte temporal de três a quatro gerações. Conforme o autor, a memória comunicativa é uma espécie de memória de curta duração da sociedade, através da qual os indivíduos e grupos presentificam o passado, sempre a partir de um ponto fixo no presente. O autor distingue a “memória comunicativa” da “memória cultural”, definindo a primeira como uma

¹ Esse termo de cunho étnico foi criado na década de 1920 para designar coletivamente pessoas de origem alemã que viviam na lugoslávia, Hungria e Romênia cujos antepassados haviam emigrado, no século XVIII, de várias partes do Sacro Império Romano Germânico em direção ao Império Austro-Húngaro (STEIN, 2011).

² Essas narrativas fazem parte de um conjunto de entrevistas produzidas entre 2009 e 2013, por meio da execução dos seguintes projetos de pesquisa: “Migrações alemãs para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial (1945-1955)” e “Deslocamentos e (des) encontros: refugiados da II Guerra Mundial e brasileiros em Guarapuava – PR” (Chamada MCTI /CNPq /MEC/CAPES N° 07/2011).

³ Nesse sentido, em relação à antiga pátria, nossa perspectiva de análise se aproxima das reflexões sobre território e identidade propostas por Sanquet. Segundo ele, com base em Raffestin, o território de referência “[...] é, ao mesmo tempo, material e imaterial; é histórico e imaginário, subjetivo (memória individual e/ou coletiva). Não é o território que se habita, mas aquele que se habitou ou se conhece através de leituras, por exemplo. São imagens que nutrem a identidade atual.” (SAQUET, 2013, p. 150)

memória vivida e corporificada que diz respeito ao passado recente, formada por tradições informais e gêneros da comunicação cotidiana, e a segunda como uma história mítica, de elevado grau de formação, mediada por instituições, textos, rituais (ASSMANN, 2008, p. 117).

Antes de adentrarmos na discussão das narrativas orais, apresentaremos aspectos da constituição da localidade e da configuração de identidades geracionais entre os imigrantes e seus descendentes em duas publicações sobre a história da colônia Entre Rios, ambas financiadas pela cooperativa da localidade, a Agrária.

“Suábios no Paraná” e “Donauschwaben in Brasilien”: Passado e presente em narrativas sobre gerações em Entre Rios

Os suábios do Danúbio, falantes da língua alemã, que fundaram a colônia Entre Rios eram oriundos da ex-Iugoslávia, da Romênia e da Hungria. Ao final da Segunda Guerra Mundial, por terem apoiado as tropas alemãs que ocuparam as áreas onde habitavam, foram expulsos ou fugiram de seus lares devido à aproximação de tropas do exército soviético que ocuparam a região em fins de 1944. As cerca de 200.000 pessoas que ficaram na Iugoslávia ou dali não conseguiram fugir foram alvos de ações de vingança, fuzilamentos, confinamento em campos de trabalho e deportação para a URSS. Os que fugiram abrigaram-se na Áustria, parte deles em campos de refugiados, onde viveram na condição de “apátridas”⁴. Dali, anos depois, entre 1951 e 1954, uma pequena parcela deles, cerca de 2.500 pessoas, foi deslocada para o Brasil com o auxílio de organizações humanitárias internacionais, como a Ajuda Suíça para a Europa. Com o governo do estado do Paraná foi negociada uma área de 22 mil hectares em Entre Rios, município de Guarapuava, que compreendia antigas fazendas de criação extensiva de gado (STEIN, 2011).

Os imigrantes vieram em famílias, oriundas, a grande maioria, da Sirmia-Eslavônia, mas também de Batschka, das partes iugoslava e romena de Banat, da Hungria e de

⁴ O grupo chegou ao Brasil entre 1951 e 1954 em sete etapas. Nas listas de passageiros dos navios, que se encontram no acervo do museu de Entre Rios, os suábios são classificados como apátridas. Mais adiante, voltaremos a discutir esse termo.

outras partes da Iugoslávia e Romênia. Eles foram distribuídos em cinco vilas, quatro católicas e uma evangélica, onde se dedicaram à agricultura, ficando a colônia sob a coordenação da cooperativa Agrária. Nos primeiros anos, houve dificuldades na produção agrícola e conflitos entre associados e os líderes da cooperativa. Até 1971, 54% dos imigrantes deixaram a colônia de Entre Rios e se dirigiram principalmente para Curitiba e São Paulo, ou para a República Federal da Alemanha (HOCHGATTERER, 1986, p. 108). Em 1968, a cooperativa iniciou uma reforma visando aumentar o tamanho das propriedades agrícolas, por meio da compra de mais terras fora da colônia e de uma reestruturação fundiária interna (STEIN, 2011, p. 158-163). Com isso, e o investimento do governo brasileiro e da República Federal da Alemanha, houve significativo aumento da produção de trigo, arroz e feijão, de modo que, anos mais tarde, Entre Rios passou a ser apresentada como uma “colônia modelo” no Paraná (ABECK, 1973, não paginado).⁵

Em 1971, vinte anos depois da fundação da colônia, as consequências da guerra aparecem como critério para a classificação demográfica da população de Entre Rios no primeiro livro publicado em português sobre a história deste grupo na localidade, intitulado *Suábios no Paraná*. O autor, o agrônomo alemão Albert Elfes, ao tratar da situação cultural em Entre Rios, referia-se à problemática das gerações classificando os habitantes em três grupos, não somente segundo a faixa etária, mas, sobretudo, segundo “[...] o efeito das influências externas que sofreram” (1971, p. 93). Segundo ele, para a primeira geração, formada por “aqueles que fugiram da pátria como adultos”, o Brasil havia se tornado um “hospitaleiro país de asilo”, mas nunca uma “segunda pátria”. A segunda geração, constituída pelos que passaram a infância e adolescência na Áustria, seria a “mais castigada”, por conta da guerra e de seus efeitos (ELFES, 1971, p. 94). Da “velha pátria” guardariam “nada mais do que imaginações imprecisas, a não ser através de narrações e de literatura”. Somente para a terceira geração, formada pelos já nascidos no Brasil, “Entre Rios, Guarapuava, Paraná” seria a “sua pátria” (ELFES, 1971, p. 94). Nesse livro, portanto, os fatores considerados pelo autor para distinguir gerações em Entre Rios são a ligação com a velha e a nova pátria e a sua integração sociocultural.

⁵Atualmente, Entre Rios é a maior produtora de malte cervejeiro do país e ocupa a 11ª posição mundial. Para mais informações, consultar o relatório de 2016 da Cooperativa Agrária, que está disponível no site: <http://www.agraria.com.br/arquivos/Agraria_RelatorioAnual2016_web.pdf>.

Em livro publicado uma década depois, em 1982, intitulado *Donauschwaben in Brasilien* (Suábios do Danúbio no Brasil)⁶, a referência a diferentes gerações na colônia de Entre Rios é, inclusive, tema do capítulo intitulado *Drei Generationen* (Três Gerações). Os autores afirmam que três gerações dos moradores de Entre Rios teriam sido “afetadas” pelo “destino do colonizador” (LEICHT & VETTER, 1982, p. 39). Ou seja, a existência de três gerações é associada à temática da colonização, tanto a empreendida nas terras no Sudeste Europeu nos séculos XVIII e XIX, como a iniciada em Entre Rios, a partir de 1951. A primeira, da qual só havia poucos vivos, teria fundamentado o seu “direito à pátria” no novo país com base na “antiga sabedoria [própria] dos colonos”, a saber: “Onde ocorrem os primeiros sepultamentos, está garantida permanência válida e definitiva. Também neste sentido, segundo os autores, vale aquele ditado da época da colonização na área do rio Danúbio: ‘Aos primeiros a morte...’”⁷ (LEICHT & VETTER, 1982, p. 39). Aqui se menciona apenas o início de um antigo e conhecido ditado, visto que os autores pressupunham que o público-leitor, ao qual o livro era dirigido, soubesse o resto de cor: “Aos primeiros a morte, aos segundos a miséria, aos terceiros o pão”⁸. As três partes do ditado se referem a três gerações. Essa ordem também estrutura a narrativa do capítulo.

Os rostos dos mais velhos, segundo os autores, carregariam os “vestígios de uma luta pela sobrevivência”, por terem vivenciado duas guerras mundiais, vivido em diferentes Estados, sofrido a perda da pátria, alimentado a esperança da emigração e da fundação de uma nova pátria e, finalmente, resistido aos desgastes da colonização em Entre Rios. Na página anterior, esboços de rostos de pessoas da primeira geração, ainda vivas (entre elas, os pais do presidente da cooperativa Agrária), e da terceira geração, desenhados pelo artista coautor do livro, representam, também visualmente, a continuidade do “destino de colonizador” associado a este grupo e os desafios daí advindos (Vide Figura 1).

⁶ O livro foi publicado na Alemanha, após visitas dos autores a Entre Rios, com o apoio da Cooperativa Agrária.

⁷ Tradução deste e outros trechos citados da obra por Méri Frotscher.

⁸ Em língua alemã: “Die erste Generation erntete den Tod, die zweite die Not, die dritte das Brot.”

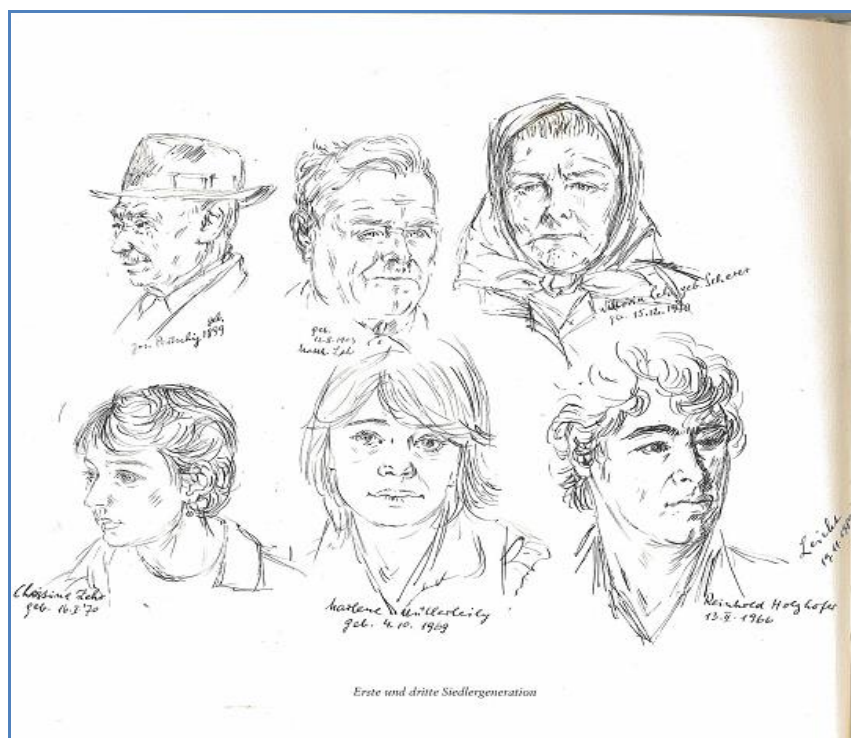


FIGURA 1: Representação de retratos da “primeira e terceira geração de colonos”.

Fonte: LEICHT & VETTER, 1982, p. 38.

Os autores resumem as vidas da primeira geração por meio da seguinte frase: “As perdas em suas vidas não foram culpa deles, mas pagaram, com dinheiro vivo, o seu sucesso final” (LEICHT & VETTER, 1982, p. 39). A então “geração do meio” ainda estaria na “luta pela existência”, apesar da melhoria no bem-estar e do aumento de bens. Sua tarefa contínua seria a de assegurar o já adquirido aos descendentes. Assim como a primeira geração, estas pessoas teriam vivido com os mais velhos os anos difíceis, resistido às desilusões dos primeiros anos no Brasil.

A terceira geração corresponderia àquela do ditado, visto que o resultado do trabalho da geração anterior lhe caía no colo “como fruta madura”. Os autores reafirmam a ideia de que o futuro daquele “pequeno povo de língua alemã” dependeria da sua juventude, que deveria manter a língua e as tradições dos antecessores (LEICHT & VETTER, 1982, p. 39). Os autores, portanto, não encerram seu texto sobre as três gerações com a situação vivida pela última delas. Esta teria a missão de dar continuidade ao futuro do grupo étnico, por meio da manutenção da língua e de práticas culturais

como as valorizadas no texto, a saber, a participação no grupo de dança folclórica local, inclusive o grupo específico formado por crianças, no coral, na banda de sopro, nos grupos dedicados à música e ao teatro. Por mais que o livro trace três diferentes gerações, o acento cai na necessidade de manutenção de traços culturais e linguísticos entre os mais jovens. Os autores assumem, neste aspecto, a função de agentes étnicos, ao procurarem mobilizar a geração mais jovem a manter traços considerados característicos para o grupo e ao estabelecerem *links* com as gerações anteriores e a pátria de origem.⁹

Já no início do livro, no capítulo intitulado *Donauschwaben bleiben Siedler* (Suábios do Danúbio permanecem colonos), os autores remetem a este grupo uma predestinação para o trabalho colonizador, a qual se manteria no decorrer das gerações. Segundo os autores, a experiência de colonização do Sudeste europeu, iniciada há mais de 200 anos, teria sido “salva no lugar mais profundo de suas existências, herdada de geração em geração” (LEICHT & VETTER, 1982, p. 10), discurso que os constitui como um sujeito coletivo que permaneceria o mesmo com o passar do tempo e das gerações. Esse “destino” dos ancestrais teria se repetido em Entre Rios quando, no início dos anos 1950, a sétima geração ali havia se estabelecido (LEICHT & VETTER, 1982, p. 10). Os autores, portanto, ao conjugarem tais práticas, no caso, a publicação do livro com representações, atuam como agentes étnicos, pois “fundamentam, reforçam e propagam identidades étnicas” (WEBER, 2014, p. 727).

Tanto o livro de 1971 como o de 1982 classificam três gerações segundo eventos traumáticos e/ou desafiadores vividos pelos suábios do Danúbio na Europa e no Brasil. Neles, “o pensamento em séries geracionais ordena a história de maneira retrospectiva: as gerações e sua sucessão se identificam no passado e se recorre a elas para interpretar processos e estruturas históricas” (DANIEL, 2005, p. 306).

⁹ Isso também pode ser percebido na epígrafe do prefácio do livro, que consiste na reprodução, em língua alemã, de uma frase de Bento Munhoz da Rocha, que governou o Paraná no período da formação da localidade: “Ninguém pode ser um bom brasileiro se não honrar sua herança cultural” (LEICHT & VETTER, 1982, p. 5).

Analisar como se constroem séries geracionais e também uma consciência diaspórica, como veremos mais adiante, só é possível quando as pessoas “articulam uma sensibilidade e deixam evidências em palavras, imagens ou cultura material” (KENNY, 2013, p. 12), como é o caso dos dois livros aqui analisados, escritos por autores contratados e autorizados pelo grupo dirigente da cooperativa de Entre Rios. Mas o que narram os moradores da colônia de Entre Rios em histórias orais de vida? Como conectam suas histórias pessoais a de gerações anteriores? Tais questões nos motivaram a produzir entrevistas com integrantes de três gerações de algumas famílias ali residentes.

Os mais velhos que entrevistamos nasceram nos anos 1920 e vivenciaram a Segunda Guerra Mundial enquanto jovens adultos. Entre os 22 entrevistados, nove tinham entre 17 e 24 anos na época da II Guerra Mundial; oito eram crianças durante a guerra, e viveram, na condição de refugiados, a infância ou a adolescência na Áustria; cinco já nasceram no Brasil, sendo que dentre estes entrevistados já há membros de duas gerações.¹⁰

Para o primeiro projeto de pesquisa, desenvolvido entre 2009 e 2010, foram entrevistados exclusivamente imigrantes mais velhos. Procurou-se constituir entrevistas de história de vida não temáticas, muito embora fossem feitas, em diferentes momentos, perguntas e pedidos de esclarecimentos, respeitando o fluxo da narrativa. Para o segundo projeto, desenvolvido entre 2012 e 2014, entrevistamos pessoas de diferentes gerações, assim como moradores de Entre Rios não descendentes de imigrantes. Procuramos seguir os princípios metodológicos para a produção de histórias de vida propostos pelo historiador Alexander von Plato (2008), para que os entrevistados tivessem a possibilidade de contar a sua história de vida do modo mais livre possível.

Neste artigo, nos concentraremos no caso de uma única família, da qual foram entrevistados avô, filha e neto. O avô, Johann, foi entrevistado em 29 de novembro de 2009. Ele preferiu ser entrevistado no idioma alemão padrão, misturado, às vezes, ao dialeto falado na colônia. Em 14 de maio de 2013 foram entrevistados, separadamente, Anna, a filha mais jovem, e o único neto, sobrinho daquela, Harry. Ambos já haviam

¹⁰ Além dessas entrevistas, foram também realizadas mais oito entrevistas com outros habitantes da localidade de Entre Rios não descendentes de suábios do Danúbio.

nascido no Brasil: ela, nos anos 1950, e ele no início dos anos 1970. Ambos concederam suas entrevistas em língua portuguesa, muito embora Anna tenha utilizado palavras e expressões em alemão durante a entrevista. Mencionamos este aspecto, pois a escolha da língua e as mudanças de língua durante uma entrevista permitem refletir sobre a própria inserção dos imigrantes e seus descendentes no país de destino e sobre identidades étnicas e culturais.¹¹

Iniciaremos com a entrevista concedida pelo avô, Johann.

“Quando a pessoa perde a sua pátria...”

Johann nasceu em 1922 em Torschau, região de Batschka, na antiga Iugoslávia. Ele tinha 87 anos no momento da primeira entrevista. Filho adotivo – informação que só viemos a ter conhecimento depois, por meio da filha –, Johann trabalhou na agricultura com a família até se casar. Em 1942, após a Iugoslávia ter sido ocupada pelo exército alemão, foi convocado para servir em prol da Alemanha numa das divisões da Waffen-SS, que combateu os partisanos e também lutou em diversos fronts no Sudeste e Leste Europeu. Ao final da guerra foi feito prisioneiro pelos russos, tendo reencontrado a sua esposa e filho somente em 1947 na Áustria.

Sua esposa, Katharina, nascida em 1921, viveu a fuga da então Iugoslávia em fins de 1944, acompanhada do bebê e de outros familiares. Além deles, durante a fuga, ainda teve que cuidar, temporariamente, de um bebê recém-nascido, cuja mãe havia falecido.¹² Em 1952, Johann, Katharina, os dois filhos – um deles havia nascido na Áustria – e outros familiares, migraram para Entre Rios, no Paraná.

Na entrevista que realizamos com Johann, muito embora fosse pedido a ele que falasse sobre sua história de vida, boa parte da narrativa se refere aos eventos ocorridos durante e logo após a guerra. Esse fato ocorreu também em entrevistas com outros

¹¹ Sobre os significados do uso de determinada(s) língua(s) e de mudanças de língua em situações de entrevista com migrantes bilíngues vide FROTSCHER (2011).

¹² É o que ela narrou numa entrevista concedida a uma funcionária do museu local, cujo trecho foi publicado numa série de entrevistas sobre a fuga e a expulsão pelo jornal local: *Ein Volk kämpft um seine Zukunft. Die Vertreibung der Donauschwaben. Jornal de Entre Rios/Deutsches Wort*, Entre Rios, Guarapuava, n. 176, 14.05.1994, D1. Acervo do Museu Histórico de Entre Rios, Guarapuava - SC.

imigrantes mais velhos, que procuraram desde o início das entrevistas estabelecer conexões entre a sua história individual e/ou familiar, a fuga e a expulsão da pátria de origem e a história dos suábios do Danúbio.¹³ Após informarem rapidamente os dados sobre nascimento e infância, esses entrevistados mais velhos logo passavam a narrar, com muitos detalhes, os eventos ocorridos durante a guerra. Nesse aspecto, a guerra é o “acontecimento inaugurador” de toda uma geração. Em texto sobre identidade geracional, o historiador Jean-François Sirinelli (2002, p. 133) afirma que: “um estrato demográfico só se torna uma geração quando adquire uma existência autônoma e uma identidade – ambas geralmente determinadas por um acontecimento inaugurador”.

Fontes orais permitem apreender a relação entre narrativa, memória e identidade, no caso, geracional e também étnica. Johann, logo após informar seus dados pessoais, no início da entrevista, faz desaparecer a primeira pessoa da narrativa, dando lugar à história do grupo étnico na Europa, ao qual afirma pertencer. Assim, ele conecta sua história pessoal à história da colonização do sudeste europeu empreendida pelos suábios do Danúbio, a qual ele procura positivar da seguinte maneira:

O lugar de onde eu venho era uma comunidade puramente alemã [...] as pessoas [os suábios do Danúbio] trouxeram bem-estar para aquela área. Todas viviam bem, eram todas pessoas bem de vida. Também eram bons cidadãos, os suábios, naquela época. Mas o seu bem-estar de vida trouxe a inveja dos outros povos e por causa disso foram depois perseguidos. E quando veio a Segunda Guerra, todos os que eram alemães, que falavam alemão, foram convocados e se tornaram soldados alemães. E quando se perdeu a guerra, a Alemanha perdeu a guerra, então todos os alemães de lá tiveram que fugir. Os que fugiram salvaram suas vidas. Os que não fugiram: “Mas eu não cometi nada, mas eu não fiz nada...”. Tinha havido outras guerras, e quando as guerras terminavam, era paz. Mas dessa vez não foi o caso. Os que lá permaneceram, a maior parte morreu, foram fuzilados ou enviados a campos, morreram de fome. Nesses campos se alastraram epidemias e eles morreram em massa. E os que fugiram para o Oeste, esses salvaram suas vidas. E então, entre os suábios aqui em Entre Rios, também há aqueles que conseguiram escapar do comunismo, eles salvaram suas vidas. (JOHANN, 2009)¹⁴

¹³ Vide discussão sobre isto, com base na análise de entrevistas feitas com outra entrevistada em Entre Rios, em FROTSCHER & STEIN (2016). Tais narrativas também devem ser analisadas levando-se em consideração as políticas de memória do museu e do jornal local, constituidoras de uma memória coletiva em Entre Rios, que exercem uma espécie de pressão sobre a memória individual (STEIN, 2011).

¹⁴ Este e os outros trechos da entrevista feita com Johann R. foram traduzidos para o português por Méiri Frotscher.

Em sua visão, o bem-estar conquistado pelos suábios do Danúbio e o estado de normalidade teriam sido interrompidos pelas represálias sofridas durante a II Guerra Mundial. O marco não é a ocupação da Iugoslávia pela Alemanha, quando ele foi convocado para lutar ativamente como soldado do lado alemão – o que também é representado como normalidade –, mas as represálias daí advindas após as tropas alemãs terem se retirado do país. Um aspecto que chamou a nossa atenção foi o fato dele explicar a fuga, a expulsão e as mortes de suábios do Danúbio – juntamente com o fato de os suábios terem lutado a favor da Alemanha – como consequência da inveja das populações não alemãs daquela região. Ao caracterizar os atos dos “outros povos” a partir do uso do termo inveja – sentimento que, segundo Walter Trinca (2009), está associado à “incapacidade ou insuficiência do invejoso de possuir o que é do outro” – Johann os situa não na esfera da racionalidade pragmática, da busca de justiça ou de reparações em função de responsabilidades pelo conflito, mas no âmbito de uma incapacidade, ou insuficiência, “destes povos” em alcançarem um nível de vida material semelhante ao dos suábios. Essa fala, por um lado, constitui e reforça uma identidade coletiva dos suábios como colonos, como sujeitos coletivos virtuosos que, por meio de seu trabalho conseguiram alcançar o êxito econômico e, por outro lado, ao atribuir aos outros a inveja como motor de suas ações, homogeneíza-os a partir dessa “disposição de espírito”¹⁵, que é ampliada do indivíduo, na forma singular, para o coletivo, no qual comportamento é atribuído a todos os membros do outro grupo.

A inveja como explicação para conflitos envolvendo suábios e não suábios pode ser encontrada também em outras narrativas orais de suábios, bem como em um estudo sobre Entre Rios que foi desenvolvido pelo geógrafo alemão Gerd Kohlhepp. Em suas palavras: “O sucesso econômico em uma situação de concorrência e a homogeneidade étnica são, sem dúvida, dados a gerar acusações de segregação e a promover a inveja social, ainda mais quando o desenvolvimento foi facilitado por impulsos externos”

¹⁵ É com essa expressão que Trinca inicia sua reflexão sobre a inveja, conforme segue: “Considerada uma disposição de espírito, a inveja foi definida por Spinoza (1999) como ‘o ódio que afeta o homem de tal modo que ele se entristece com a felicidade de outrem e, ao contrário, se alegra com o mal de outrem’” (TRINCA, 2009, p. 51).

(KOHLHEPP, 1991, s/p). Tanto nas narrativas orais, quanto no artigo do geógrafo, o grupo invejoso está sempre situado em uma condição inferior em relação aos suábios do Danúbio.

Para o entrevistado, Entre Rios seria uma colônia de sobreviventes da guerra que teriam conseguido “escapar do comunismo” e construído uma nova pátria. A vitória dos comunistas é apresentada também como algo novo em relação a outras situações pós-guerra. As represálias seriam, para ele, um novo paradigma que envolve os tempos de guerra e de paz. Se ao término dos conflitos anteriores a norma era a volta da paz, agora a novidade é – movida também pela inveja – o extermínio ou a prisão da população civil associada ao exército derrotado. Nessa narrativa anticomunista, há construção dos suábios do Danúbio como vítimas que perderam sua cidadania e suas propriedades, por isso a sua identificação como expulsos da pátria (em língua alemã *Heimatvertriebene*).

Diante disso, cabe lembrar as reflexões de Giorgio Agamben (2010) envolvendo a figura do refugiado e do apátrida. Com base nas reflexões de Hannah Arendt, Agamben apresenta exemplos ocorridos na França, Bélgica, Itália e Áustria da criação de leis, após a I Guerra Mundial, que retiravam a cidadania de determinadas pessoas, demonstrando que o “[...] nexo nascimento-nação, sobre ao qual a declaração de 1789 havia fundado a nova soberania nacional, havia então perdido o seu automatismo e o seu poder de auto regulação [...]” (AGAMBEN, 2010, p. 129). No caso dos discursos que constituem a condição dos suábios no pós Segunda Guerra Mundial, embora as listas de passageiros dos navios que os trouxeram para o Brasil, bem como as notícias sobre as chegadas, veiculadas por jornais brasileiros, os classificassem como apátridas, as narrativas publicadas pelo jornal de Entre Rios em geral não utilizam o termo “apátrida” (*heimatlos*), mas “expulsos da pátria” (*Heimatvertrieben*), o que demonstra a intenção de se constituir e fixar uma vinculação com a “antiga pátria” – a pátria do passado –, e não como pessoas “sem pátria”.

Estes sentidos se relacionam também com outras partes da entrevista, perpassados pela expressão de perda e prejuízo, características do ressentimento (KEHL, 2004). Em sua narrativa, as perdas e os prejuízos de sua família são diretamente relacionados aos dos suábios do Danúbio que viveram até a guerra no Sudeste da Europa.

História individual e história familiar são ligadas à trama da história da fuga, da expulsão e da morte de membros do grupo étnico ao qual os entrevistados afirmam pertencer. Nesta e noutras fontes orais produzidas com moradores imigrantes de Entre Rios, o espaço proporcionado pela entrevista resultou na constituição de narrativas diaspóricas, pois nelas a referência fundamental é o território do lugar de origem.¹⁶

A diáspora se caracteriza pela existência de uma consciência étnico-nacional, de uma organização do grupo de dispersão noutra localidade e pelo contato, efetivo ou imaginário, com o território do país de origem (VARELA, 2009, p. 56). Durante a entrevista, Johann inclusive mostrou um mapa com a localização da cidade de origem, como forma de materializar a sua relação com aquele espaço. Este gesto se deve também ao fato de que depois da II Guerra Mundial as comunidades alemãs na ex-Iugoslávia tiveram suas denominações modificadas, o que dificulta sua localização em mapas atuais. Nas entrevistas procura-se, então, compensar este apagamento da história da ocupação territorial alemã no Sudeste europeu, ao se cartografar, por meio de palavras, imagens e gestos, tal presença no passado.

A narrativa oral de Johann e a conexão que ele faz com uma representação cartográfica nos lembra como imagens e representações não estão deslocadas do espaço físico. Como formula Marcel Roncayolo (1986, p. 266), não somente o espaço físico, também representações e imagens constituem a realidade do território. Neste aspecto, fontes orais podem ser constituidoras de territorialidades por meio dos trabalhos da memória. A narrativa de Johann, assim como as de outros moradores mais antigos da colônia, configura uma “geografia imaginativa” (SAID, 2007), com base na qual se afirma uma identidade diaspórica. Tais narrativas podem ser vistas, portanto, como modos de

¹⁶ Mathias Schulze e James Skidmore advertiram para os problemas decorrentes de tensões semânticas, históricas, políticas e morais entre o adjetivo “alemão” e o substantivo “diáspora”. Por isso, ao usarem o termo “diáspora”, na introdução do livro *German Diasporic Experiences*, restringiram-se ao significado etimológico da palavra (*scattering*: disperso, espalhado), que aqui também é entendida desta forma (SCHULZE & SKIDMORE, 2008, p. xiii).

“impor uma coerência imaginária à experiência da dispersão e fragmentação, que é a história de todas as diásporas forçadas”.¹⁷

Na entrevista feita com Johann, ele estende a história do grupo étnico ao século XVIII, fazendo menção à origem na antiga Suábia e à transformação de áreas da antiga Áustria-Hungria num território economicamente promissor. Noutro trecho da entrevista, ele chega a quantificar o número de suábios do Danúbio que ali teriam vivido, o que demonstra o processo comunicativo por meio do qual sua memória é construída. Como aponta o psicólogo social Harald Welzer (2008, p. 9), as ideias e as imagens que as pessoas fazem do passado podem ser compostas de fragmentos de fontes muito disparates, como livros de história, filmes, experiências de membros da família e as próprias experiências individuais. Esta noção de memória comunicativa quebra com a ilusão da memória individual autônoma. Segundo os autores, os significados atribuídos a informações não se constituem através de um processo meramente neuronal ou individual, mas por meio da comunicação (WELZER et al., 2008, p. 10). Como vimos, a narrativa oral de Johann foi baseada não apenas em suas próprias experiências, mas também em conversas com familiares e conhecidos e em bibliografia lida depois dos eventos narrados, algumas das quais nos foram mostradas durante a entrevista. Esta constatação pode ser apreendida na entrevista de Johann e de outros moradores de Entre Rios.

Nelas, tanto a colônia de Entre Rios na atualidade, como as comunidades de suábios do Danúbio constituídas nos séculos XVIII e XIX no Sudeste europeu, são representadas como comunidades diaspóricas que mantêm/mantêm traços da língua e da cultura alemãs.¹⁸ Apesar de sua dispersão, no passado, em comunidades pela Áustria-Hungria, em meio a outros grupos étnicos e linguísticos, nas entrevistas eles aparecem reunidos num grande território representado como suábio-danubiano, que a despeito de não ter sido uniforme, pois era disperso espacialmente, é reunido pela memória e pela

¹⁷ É o que Stuart Hall observa ao mencionar a função das narrativas visuais de artistas jamaicanos e rastafarianos que buscam reconstruir em termos visuais “a unidade subjacente do povo negro, que a colonização e a escravidão dispersaram com a diáspora africana” (HALL, 1996, p. 69).

¹⁸ Uma discussão sobre o desenvolvimento de uma “cultura da memória” da “pátria perdida” em Entre Rios, com base em ritos religiosos, monumentos e outros “lugares de memória”, vide FROTSCHER (2015).

imaginação. Além de estar presente em narrativas orais, esse território também é representado visualmente por meio de mapas, seja em livros, seja na exposição do museu histórico local e até mesmo na parede da pousada existente na localidade e da casa de um morador que também pudemos entrevistar. Em sua sala de estar, numa espécie de parede da memória familiar, em meio a fotografias da família e imagens da paisagem do Paraná, consta um mapa com a localização das localidades com presença de suábios do Danúbio no antigo Império Austro-Húngaro.

Mapas assim também se encontram em livros, em posse de moradores de Entre Rios, que foram publicados na colônia, na Alemanha e noutras partes do mundo para onde se deslocaram alemães expulsos do Leste e Sudeste europeus. Tais livros, que procuram reconstituir a história local das cidades de origem (chamados *Heimatbücher*), são mostrados durante as entrevistas. A publicação destes livros fez parte de todo um esforço, por parte de entidades culturais de suábios do Danúbio, após a guerra, de reconstruir por meio da memória o passado alemão daqueles territórios que se tornaram áreas de influência da URSS.¹⁹ Em seu livro *The lost German East* (O Leste alemão perdido), o historiador Andrew Demshuk (2012, p. 13-14) demonstrou como refugiados alemães oriundos da Silésia, que depois da guerra se tornou parte do território polonês, criaram na Alemanha Ocidental, para onde se dirigiram, uma “pátria da memória”, ou seja, uma visão idealizada do lugar de onde provinham. Era uma pátria que apenas existia em suas memórias. Esta “pátria da memória” só era possível de existir por ser contraposta a outra pátria, a “pátria transformada”, que era como percebiam a Silésia depois da guerra, modificada pelo regime comunista. A imagem positiva da “pátria da memória” foi, desta forma, contraposta à imagem negativa da “pátria transformada” pelos poloneses.

Em Entre Rios, na entrevista feita com Johann, ele não se refere somente à antiga pátria, mas expressa identificação para com o Brasil – ou, para sermos mais precisos, para com a colônia de Entre Rios – identificação que teria sido construída num longo processo de adaptação. A emigração para o Brasil é explicada como uma consequência da perda da pátria na Iugoslávia. Entre Rios, assim, seria a nova pátria (*Heimat*), que nesse caso tem um significado associado à colônia, e não ao estado nacional brasileiro:

¹⁹ Sobre estes livros, publicados na Alemanha após 1945, vide livro de Jutta Faehndrich (2011).

Méri: E por que vocês vieram para o Brasil?

Johann: Porque nós, na Áustria... não que nós estivéssemos mal lá, mas quando a pessoa perde a sua pátria, demora muito até que ela se arranje na vida. Ela sempre procura, ela sempre acha que em outro lugar as coisas podem ser melhores. Para os suábios do Danúbio a perda da pátria foi terrível. Quando sempre se estava, há dois, três séculos, no mesmo lugar, quando se morava lá e então... quando alguém é apátrida, ele não se arranja facilmente, ele fica à procura por quase toda a sua vida.

Méri: Mas o senhor quer dizer que hoje, ainda, o senhor se sente um pouco apátrida?

Johann: Não, hoje eu me sinto em casa aqui, mas demorou muito tempo. (JOHANN, 2009)

O historiador Andreas Kossert (2009), em seu livro *Kalte Heimat* [Pátria fria], que trata da história dos refugiados alemães do Leste Europeu após 1945, investigou o processo de sua integração na Alemanha Ocidental, mostrando como este país foi se tornando, aos poucos, uma nova (porém, fria) pátria. Para Johann, o caminho entre ser apátrida e sentir-se bem na nova pátria, em sua nova casa, a colônia de Entre Rios, foi muito lento, difícil e envolveu grande sofrimento. No trecho citado, ele expressa as consequências psicológicas da perda dos direitos civis na Iugoslávia e da impossibilidade de retornar. Mesmo que esteja fora de questão o retorno físico ao lugar de origem, um passado em comum de fuga e expulsão fundamenta sua narrativa e uma consciência diaspórica.

“Sou brasileira com muito orgulho”

Buscando investigar mais profundamente essa relação com o território de origem dos refugiados e o Brasil, mais precisamente Entre Rios, nas gerações seguintes, abordaremos agora a entrevista feita com a filha mais nova, Anna. Diferentemente dos outros dois irmãos, um nascido na Iugoslávia e o outro na Áustria, ela nasceu no Brasil. Anna é casada com um “brasileiro”, como moradores imigrantes mais velhos de Entre Rios se referem aos moradores não suábios. Sem filhos, no momento da entrevista Anna tinha 55 anos e cuidava do pai doente. A entrevista, que escolheu conceder em língua portuguesa, assim inicia:

Eu nasci em 57. Bem, meus pais vieram da Europa, meus dois irmãos também, e eu nasci aqui no Brasil. Sou brasileira com muito orgulho. Me criei aqui, onde eu ainda estou morando. Aprendi o alemão primeiro. Depois na escola eu comecei com o português, porque os meus pais não sabiam falar o português, nem os vizinhos, nem ninguém. Eu me criei numa família assim, muito feliz, alegre. Meus pais estavam muito contentes de ter uma nova pátria, um novo lar, onde a gente pudesse se sentir bem, né, à vontade, em casa. (ANNA, 2013)

Com a afirmação “sou brasileira com muito orgulho”, Anna marca uma diferença em relação à geração do pai, para o qual o lugar de origem é imprescindível para a afirmação de uma identidade diaspórica. Ao usar o verbo “ser” na primeira pessoa do singular, Anna constitui sua identidade nacional brasileira como algo fixo, perene, diferentemente dos pais, cuja condição é de “estar em”, ou de “ter” uma nova pátria. Sua fala também permite perceber sua vinculação com o grupo a partir de dois aspectos. O primeiro seria a língua alemã e o segundo o fato de viver em Entre Rios, junto de sua família – e nesse momento ela usa o termo “gente”, expressão utilizada como sinônimo de nós.

O fragmento também indica que sua noção de pátria é constituída a partir de duas acepções. Pátria, no sentido genérico, seria o vínculo estabelecido pelo local de seu nascimento com o estado nacional brasileiro. Em um sentido mais estrito, pátria seria o seu lar, que não estaria circunscrito apenas à sua casa, mas à colônia Entre Rios – que é a nova pátria –, semelhante à fala de seu pai, citada anteriormente. Cabe registrar que essa distinção não é uma particularidade dos suábios do Danúbio. A antropóloga Giralda Seyferth, ao estudar as concepções envolvendo os termos pátria e nação – no final do século XIX e durante a primeira metade do XX – em áreas onde se estabeleceram imigrantes alemães no sul do Brasil, verificou que a “nova pátria” seria a colônia, enquanto que a nova cidadania seria a brasileira. Por outro lado, etnicamente, esses imigrantes se considerariam alemães.

De acordo com ela:

[...] o ato de emigrar significou o rompimento com o país de origem, mas não com o Volk (povo/etnia) alemão. O pertencimento sugerido por tal categoria remete, por um lado, a uma entidade supraterritorial – à nação

alemã, concebida como entidade cultural e lingüística que une um povo de mesma origem – e, por outro lado, à cidadania e a um território considerado como *Heimat* ou *Vaterland* – o Estado brasileiro. (SEYFERTH, 1993, p. 6)

Seguimos acompanhando a fala de Anna. Quando fala sobre as circunstâncias do seu nascimento, depois de um parto difícil e num dia em que chegou a nevar em Guarapuava, ela menciona uma anedota familiar que diz respeito a questões interétnicas na colônia, em cujas margens moravam afrodescendentes:

A minha avó sempre falava que eu estava bem pretinha, escura de frio, assim, roxa. E daí, ela não saía do meu berço, não saía do meu berço e daí a minha mãe disse: “Mas Oma [vó], o que está acontecendo com o nenê? Tem alguma coisa errada com ele? Me diz se tem alguma coisa errada com a nossa menina, porque você não sai de perto do berço, o que está acontecendo?” E ela disse: “É que ele é tão pretinho. O nenê, a menina é tão pretinha. Hast du dich nicht in ein Neger verschaut? [Você não se apaixonou por um preto?].” “Eu não”, ela disse. “Nada”. Muss man schon schlafen mit einem Neger, dass es ein Negerlein gibt, ne? Er hat so gefroren, dass er so blau war [É preciso dormir com um preto, para vir um pretinho, né? Ele tinha passado tanto frio, que ele estava azul]. (...) Então, e eu era bem loira, braaanca de loira, então era um sarro, né? Todo mundo pegava no pé da Oma, porque eu era a negrinha dela. (ANNA, 2013)

Exatamente pelo fato de uma relação amorosa com um negro ser inconcebível para os familiares, àquela época, que o episódio se tornou uma anedota familiar da qual se podia rir. Como se percebe, a anedota que tocou a entrevistada e os familiares é contada em duas línguas. A parte em língua alemã, que deixamos na citação de propósito para mostrar ao leitor o uso das duas línguas, serve para reproduzir parte da fala da avó, que só falava aquela língua, e, também, para fazer um comentário sobre aquela fala à entrevistadora. Por meio desses *shifts* linguísticos percebe-se, na própria construção narrativa, a identidade híbrida da entrevistada.

Na sequência de sua entrevista, ao falar sobre quando frequentou a escola, a ênfase não é o conteúdo ministrado, mas as práticas relacionadas à sua educação como alguém pertencente ao estado-nação brasileiro, formação que, segundo ela, também marcaria a diferença entre ela e as gerações atuais. É o que podemos perceber no

seguinte fragmento: “Ah, nós brincávamos de caçador, nós tínhamos 7 de setembro, a gente lanchava. Cantava o hino nacional quase que todos os dias antes de entrar na sala de aula. E aprendemos o hino nacional de fio a pavio, né? E hoje em dia, as crianças nem...” (ANNA, 2013).

Para Anna, Entre Rios é um espaço de moradia, de trabalho, de convívio familiar e, também, de sociabilidades, ou seja, onde construiu sua vida e família. O espaço geográfico de origem dos pais na Sérvia é verbalizado como algo distante geograficamente. Por outro lado, o tempo em que os pais e antepassados viveram naquela região é cotidianamente tornado presente por meio do uso do dialeto suábio e em momentos comemorativos, como o aniversário de fundação de Entre Rios, por meio de atividades culturais, como desfiles e apresentações de grupos folclóricos trajados com roupas típicas. O passado é, assim, tornado presente por meio de uma estética que visa recriar a antiga pátria em um novo espaço geográfico, agora representado como a nova pátria.

Anna, assim como os suábios de Entre Rios, procura dar continuidade às práticas culturais entendidas na localidade enquanto tradições suábio-danubianas e, por meio delas, forjar uma ligação com uma pátria de origem. Na entrevista, ela narrou como o pai fez questão de levá-la junto numa viagem à Áustria e Alemanha, para que conhecesse “os laços” que lá ela teria:

Eu fui com o pai (para a Alemanha e Áustria) em 1994, e ele disse: “Agora nós vamos fazer um passeio pela Europa, que eu quero que você conheça todos os parentes lá, pra que você saiba os laços que você tem, onde está a sua família também”. [...] Então, daí eu fiz uma volta lá, por todo lugar a gente foi, onde a gente tinha parentes. Conheci o pessoal. Foi muito bom. (ANNA, 2013)

Note-se que a viagem não foi para a ex-Iugoslávia, atual Sérvia, onde a família havia vivido até a guerra, mas para a Áustria, para onde seus familiares haviam se deslocado e vivido enquanto apátridas, e para a Alemanha, onde tinham parentes, também refugiados e seus descendentes. Portanto, os laços aos quais se referia o pai eram de cunho étnico-cultural e alemães. Após a fuga e expulsão da Iugoslávia, aqueles

países, por meio dos parentes e conhecidos que ali viviam, tornaram-se referência identitária para moradores de Entre Rios.

Foi por meio de sua participação no grupo de teatro da Fundação Cultural Suábio-Brasileira de Entre Rios²⁰ que Anna pôde novamente ir à Europa em 2010 e, também, visitar localidades de origem dos pais de alguns de seus colegas, na atual Croácia. Ela assim narra a respeito:

Aí eu fui de novo pra Europa em 2010, foi agora recém, que eu fui com um grupo de teatro. E daí a gente fez uma volta, na Alemanha e na Áustria também. No final, quando terminamos nosso compromisso, nossos contatos culturais (...) aí nós fomos pra Croácia. Dois dias. Daí muita gente viu onde os pais viveram, a casa, e foi muito legal. A única que era da Sérvia no grupo era eu, então não valia a pena todo o grupo ir até São Paulo, fazer visto [por causa de mim]. (ANNA, 2013)

Nesse momento da entrevista Anna se diferencia dos demais integrantes da turnê pelo fato de seus pais serem oriundos da Sérvia, enquanto os pais daqueles eram da Croácia, ambos integrantes da antiga Iugoslávia. Em que pese ter mencionado anteriormente ser “brasileira com orgulho”, Anna afirma essa origem da família na Sérvia – que embora não tenha podido conhecer, existe enquanto uma “pátria da memória” em razão da memória dos parentes e conhecidos, e, também, dos investimentos feitos por políticas de memória locais.²¹

“Tive que romper esse cordão umbilical que me segurava [...] aqui”

Passemos agora à narrativa oral produzida com o neto de Johann, Harry, que à época tinha 40 anos. Assim como outros netos entrevistados, ao ser informado sobre a metodologia da pesquisa, afirmou não ter uma história tão longa para contar, como seus

²⁰ Além do teatro, a fundação mantém grupos de dança, instrumentais, de canto coral e um centro de atividades voltadas para a juventude. Site da fundação: <<http://www.suabios.com.br/index>> . Acesso em: 15.10.2015.

²¹ Chamou nossa atenção o fato das viagens para áreas da Romênia e antiga Iugoslávia tornarem-se, no século XXI, cada vez mais frequentes entre suábios do Danúbio que vivem na Alemanha. Essas atividades são, muitas vezes, apresentadas como uma espécie de viagem para o passado. Um exemplo é a matéria publicada no jornal *Der Donauschwabe Mitteilungen* (2006), intitulada “Uma Inesquecível Viagem ao passado” (*Eine unvergessliche Reise in die Vergangenheit*).

avós, em razão da idade e das experiências vividas, as quais, segundo ele teriam sido bem mais extraordinárias e difíceis no caso dos avós e dos pais.

No início da entrevista de história de vida, embora não tão enquadrada a uma memória coletiva da fuga e da expulsão, como se pôde perceber no caso do avô, Harry também faz referência àquele passado, comparando sua infância às histórias de sofrimento e às dificuldades vividas pelos ascendentes:

Então, vamos dizer assim, dentro da minha infância, eu tive uma infância bem tranquila. A gente não viu toda essa parte de sofrimento, nem de guerra. Quando eu nasci, também, já tinha sido implantada, já, a cooperativa Agrária, então já estava tudo... tudo encaminhado já, o seu leito normal das coisas. O pessoal já tinha adquirido, já tinha condições de se sustentar aqui, tudo o mais. Então, assim, minha infância ou desde a adolescência, não foi uma época assim... Eu acho que até assim, a gente tinha até, vamos dizer assim, não precisava fazer muito esforço. Então, assim, a questão de buscar alguma coisa, a gente já tinha tudo mais pronto. (HARRY, 2013)

Por meio dessa narrativa, Harry se diferencia das gerações que o precederam, que se caracterizam por meio do fator “sofrimento” causado pela guerra e, depois, pelas dificuldades dos primeiros anos da colônia. Isso remete à compreensão da geração enquanto um “fato cultural, por um lado modelado pelo acontecimento e por outro derivado, às vezes, da auto-representação e da autoproclamação: o sentimento de pertencer [...] a uma faixa etária com forte identidade diferencial” (SIRINELLI, 2002, p. 133).

Em que pese essas diferenças que se estabelecem entre as gerações no interior do grupo étnico, Harry narra sobre os esforços empreendidos na escola bilíngue da colônia, mantida pela cooperativa, em fortalecer laços de pertencimento étnico-culturais entre os alunos. Ele relembra, neste aspecto, o papel de uma disciplina específica, chamada *Heimatkunde* (*Heimat*: localidade/pátria, *Kunde*: história/conhecimento), cujo conteúdo era voltado para geografia e história local e do grupo étnico. As aulas eram ministradas por um professor que também atuava como editor do jornal bilíngue local: “Então, ele que foi nosso professor de Geografia na época. Então ele dava história dos suábios também, fazia toda essa parte cultural, e tudo em alemão também” (HARRY,

2013). Na sequência, semelhante à fala de Anna, citada anteriormente, ele compara o ensino nessa escola naquela época com a atualidade, lamentando que as crianças e jovens tivessem, em sua opinião, menos conhecimentos sobre a história dos suábios do Danúbio.

Vejamos agora como sua narrativa oral aborda a problemática das fronteiras culturais. O avô, na entrevista, se demora em narrar, de um lado, fatos relacionados à guerra e suas consequências, traçando uma fronteira cultural entre os suábios e os sérvios na terra natal, e, de outro, uma fronteira cultural entre os suábios do Danúbio em Entre Rios e os chamados “brasileiros” que ali vivem. Harry, por sua vez, inicia falando da falta de convívio com moradores não descendentes de imigrantes durante a infância e adolescência, mas identifica o período do serviço militar como um marco em sua história de vida. Ele representa positivamente os contatos que teve com mais pessoas durante e após ter servido o exército em “Guarapuava”, como se refere à parte urbana e central do município:²²

Aí depois que eu fui, pra você ver, até, por isso que eu digo, até eu ir pro quartel, eu era muito fechado. Então eu tinha meia-dúzia de colegas aqui da colônia e tinha os coleguinhas da sala de aula. Então tinha uma separação muito grande, da parte assim de quem estudava no Colégio Imperatriz [Leopoldina], que eram os alemães, e quem estudava no outro colégio [se refere ao colégio estadual]. Só que não tinha uma aproximação, um contato. E isso, de uma certa forma, me incomodava, sabe? Só que eu não via uma perspectiva de aproximação. Aí depois que eu fui pro quartel, eu tive que sair, eu tive que romper esse cordão umbilical que me segurava só no centro, aqui, sabe? Então eu tive que sair e conhecer outras pessoas, conhecer outras perspectivas. Foi totalmente diferente, né? Uma disciplina diferente, então, isso me acordou, de uma forma que depois eu voltei pro Colégio Dom Pedro [o colégio estadual, com maioria de alunos não descendentes de imigrantes] e depois que eu estudei lá, eu fiz novas amizades e foi cada vez mais fácil fazer novas amizades.

Méri: Então depois do quartel você ainda voltou pro Colégio?

Harry: É, voltei a estudar. Voltei a estudar ainda porque, na verdade, eu não tinha terminado ainda. [...] Então, eu tive uma fase da vida antes do exército e depois do exército, outra fase da vida. (HARRY, 2013)

²² A distância de 18 km entre o distrito de Entre Rios e o centro do município de Guarapuava, somada a questões culturais, fazem os moradores daquele distrito se referirem ao centro do município como “Guarapuava”, assim contraposta à “colônia”.

Servir o exército teria possibilitado uma vida mais independente – “romper o cordão umbilical” – e, também, maior aproximação com outras pessoas, inclusive “brasileiros” na própria colônia depois, cujos pais haviam se instalado na colônia por conta dos empregos obtidos na cooperativa Agrária. Assim, sua narrativa fala não somente do cruzamento entre as fronteiras geográficas entre “Guarapuava” e a “colônia”, mas também étnicas e culturais.

Percebemos aqui as fronteiras não apenas enquanto marcos físicos e naturais, mas também enquanto fronteiras culturais e simbólicas, pois são construídas a partir de um sistema de representações coletivas que atribui significado ao real. Como sugere a historiadora Sandra Pesavento (2002, p. 37), a fronteira não deve ser vista como limite, mas como trânsito e passagem que ultrapassa os próprios limites que fixa. O surgimento de algo novo e diferente é possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica.

Há alguns anos Harry está explorando, por meio de uma choperia artesanal, as possibilidades mercadológicas que a produção de identidades culturais locais tem proporcionado na era global. A cerveja artesanal, que traz no nome a referência ao grupo étnico (fig. 2) – Donau Bier: cerveja Danúbio²³ –, procura explorar a autoimagem que se construiu daquela colônia de imigrantes/refugiados no Paraná, baseada no “especificamente diferente”. Trata-se de um localismo que não é mero resíduo do passado, mas que opera com hibridações, trocas e misturas e cria espaços intermediários entre o Brasil e a Europa. O logotipo da cervejaria traduz bem isso, ao trazer elementos da antiga e da nova pátria.

²³ A identificação “suábios do Danúbio” faz menção à Suábia, sudoeste da atual Alemanha, lugar de origem de migrantes que se dirigiram pelo rio Danúbio para o Império Austro-Húngaro nos séculos XVIII e XIX (STEIN, 2011). Cabe registrar, conforme verificou o estudo de Vecchia e Jung (2016), que o uso do alemão padrão e do português padrão nas denominações de empresas e produtos locais indica também uma valorização dessas formas linguísticas em relação ao dialeto local, o *Schwowisch*.



Figura 2: Logotipo de Cerveja Donau Bier: a atualização do discurso do “destino colonizador” dos suábios do Danúbio.



Figura 3: Brasão dos suábios do Danúbio. Fonte: BRÜCKER (1990, capa).

Como podemos visualizar, na parte superior do logotipo da cerveja Donau Bier se reproduz a parte de cima do brasão dos Suábios do Danúbio (fig. 3).²⁴ A imagem de uma águia negra, num fundo amarelo, simboliza o domínio do imperador da Áustria. Esta imagem é separada da parte inferior do logotipo por uma linha ondulada azul, que representa o rio Danúbio, por meio do qual os suábios chegaram ao sudeste europeu. Na

²⁴ O brasão foi concebido por Hans Diplich, em 1949, e impresso pela primeira vez em 1950, em preto e branco, no livro “Wir Donauschwaben” (Nós, suábios do Danúbio). Trinta anos depois, foi feita a versão atual do brasão, em cores. Sobre isto, vide <<http://www.donauschwaben-bayern.de/images/wainternhaar%2022%2009%202010%20x2.pdf>>. Consulta em: 15.10.2015.

parte central, lê-se o nome da cerveja em letras góticas, marcando assim, não apenas pela denominação, mas também pela grafia, um pertencimento cultural. Na parte inferior, ao invés de reproduzir a parte de baixo daquele brasão, que faz menção ao passado vivido no Sudeste europeu, vê-se a imagem de um agricultor semeando em meio ao campo, ladeada por dois ramos de cereal – base para a produção cervejeira –, simbolizando a “vocação” agrícola dos moradores de Entre Rios. Vale registrar que no distrito de Entre Rios se encontra a maior maltaria do Brasil.²⁵ A imagem do agricultor, presente no logotipo da cerveja, por sua vez, é uma reprodução de imagem esculpida em placa de madeira pelo artesão tirolês Gottfried Thaler, da colônia austríaca de Treze Tílias – SC, intitulada “O Semeador” (fig. 4).²⁶ Esta imagem, por sua vez, também é uma releitura de imagem já existente, intitulada “Der Sämman” (O semeador), que circulava em publicações sobre os suábios do Danúbio na Europa, simbolizando “a vida campesina dos colonizadores”.²⁷



Figura 4: Reprodução de imagem esculpida em placa de madeira pelo artesão tirolês Gottfried Thaler, da colônia austríaca de Treze Tílias – SC, intitulada “O Semeador”.

²⁵ O malte utilizado na fabricação da cervejaria em questão é todo produzido por produtores de Entre Rios. A maltaria faz parte do parque industrial da cooperativa Agrária, fundada com a chegada dos suábios do Danúbio no Brasil. Fonte: <<http://www.agraria.com.br>> Consulta em: 15.10.2015.

²⁶ Fonte: COOPERATIVA AGRÁRIA (1976, não paginado).

²⁷ Ibidem.

O logotipo traça, assim, uma continuidade entre a história de colonização no Sudeste europeu e em Entre Rios, tal como o fez o livro de 1982, anteriormente analisado, e outras fontes escritas e visuais sobre a localidade, que solidificaram uma memória cultural em Entre Rios que os representa enquanto eternos colonizadores (FROTSCHER, 2015). Mesmo que o entrevistado afirme a importância de ter rompido o “cordão umbilical” com a colônia quando era jovem, anos mais tarde acaba por fundar um empreendimento cujo produto é relacionado diretamente à economia local e cujo símbolo conecta o presente com o passado do grupo do qual afirma pertencer.

Considerações finais

Expulsão e longos anos de permanência nos campos de refugiados terminaram com todas as suas esperanças de jamais poderem retornar à pátria. Assim, olham para frente e procuram crescer dentro da nova ordem em que agora se situam. Nisto seguem o exemplo de seus antepassados como pioneiros agricultores. (ELFES, 1971, p.22)

Muito embora possamos observar similaridades nas narrativas orais entre estes membros de três gerações de uma mesma família, como a referência à antiga pátria, possibilitadas pelas memórias comunicativa e cultural, que criam comunidades de experiências, memórias e narrativas entre as gerações, o grau dessa referência nas narrativas é diferente. Na narrativa do avô, a antiga pátria e os acontecimentos da guerra são temas preponderantes. O foco é a pátria do passado, a pátria perdida. Ou seja, sua narrativa contém uma forte retórica da perda da pátria na Europa e, assim, se configura como diaspórica. Na narrativa da filha, o território de origem dos pais é uma referência para sua identidade familiar, é a antiga pátria quando se trata do grupo ao qual ela pertence. Por outro lado, por meio da expressão “orgulho de ser brasileira”, ela se coloca em uma posição de diferença em relação à geração dos pais. Já na narrativa do neto, o mote para o *marketing* de seu pequeno empreendimento industrial e comercial conecta de forma criativa o passado do grupo étnico na Europa e no Brasil. Ele procura, em sua empresa, fazer uso de representações da antiga pátria e de uma nova pátria no Brasil – a

colônia de Entre Rios –, e dos contatos interculturais que ali procurou estabelecer. Apesar de não haver mais contato com parentes ou conhecidos na “pátria de origem”, links continuam a ser forjados por meio de discursos de memória no espaço público. Mesmo que estes imigrantes e seus descendentes tenham se estabelecido no Brasil enquanto “colonizadores” e se identifiquem desta forma nos discursos de memória – e o logotipo da cerveja representa esta ideia – a conexão com a “pátria de origem” também faz parte desta identidade diaspórica reproduzida pela terceira geração.

Por fim, cabe ressaltar que em diversas entrevistas com moradores idosos de Entre Rios, pôde-se perceber como suas narrativas procuram se conformar ao conteúdo de alguns livros publicados sobre os suábios do Danúbio, que conectam presente, passado e futuro – como sintetiza o fragmento do livro de Elfes, citado na epígrafe das considerações finais deste artigo. Além da referência aos livros publicados localmente, há uma conexão entre a rememoração do passado com uma “cultura da memória” sobre a “fuga e a expulsão” que circula noutros espaços por meio de publicações, eventos realizados por entidades de refugiados pelo mundo e contatos com familiares na Alemanha e Áustria (FROTSCHER, STEIN & OLINTO, 2014). As narrativas orais em análise permitem, assim, operar com as noções de “memória comunicativa” e “memória cultural” (ASSMANN, 2008) e, por meio delas, com uma perspectiva translocal no estudo das migrações.

Referências

ANNA R. D. Entrevista concedida a Méri Frotscher. Entre Rios, Guarapuava-PR, 14.05.2013.

ABECK, Helmuth. **Entre Rios: Neue Heimat.** Sonderdruck aus dem “Serra Post Kalender”. Ijuí, sem paginação, 1973.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I.** Belo horizonte: Editora UFMG, 2010.

ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, p. 125-133, Spring/Summer 1995.

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (Ed.). **Cultural Memory Studies: an international and interdisciplinary handbook.** Berlin; New York: De Gruyter, 2008, p. 109-118.

BRÜCKER, Christian Ludwig. **Donauschwaben in Nordamerika, in Südamerika und in Australien.** München/Sindelfingen: Donauschwäbische Kulturstiftung, 1990.

COOPERATIVA AGRÁRIA ENTRE RIOS LTDA. **Entre Rios: documentário ilustrado da colonização suábio danubiana.** Campinas: CARTGRAF, 1976.

DANIEL, Ute. Historia Generacional. In: DANIEL, Ute. **Compendio de Historia Cultural: palabra, práctica, palabras clave.** Madrid: Alianza, 2005.

DEMSHUK, Andrew. **The lost german East.** Forced migration and the politics of memory. 1945-1975. New York: Cambridge University Press, 2012.

ELFES, Albert. **Suábios no Paraná.** Curitiba, [s.n.], 1971.

FAEHNDRICH, Jutta. **Eine endliche Geschichte: die Heimatbücher der deutschen Vertriebenen.** Köln: Böhlau Verlag Köln, 2011.

FROTSCHER, Méri. Língua, memória e identidade: considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 97-122, jan./jun. 2011.

FROTSCHER, Méri. A lost homeland, a reinvented homeland: diaspora and the “culture of memory” in the colony of Danube Swabians of Entre Rios. **German History**, v. 33, l. 3, p. 439-461, Sept. 2015.

FROTSCHER, Méri; STEIN, Marcos Nestor. “E estava tudo bem até começar a guerra”: sofrimentos e ressentimentos em narrativas orais de uma refugiada da II Guerra Mundial no Brasil. In: WADI, Yonissa. (Org.). **Narrativas sobre loucuras, sofrimentos e traumas**. Curitiba: Máquina de Escrever, 2016, p. 175-202.

FROTSCHER, Méri; STEIN, Marcos Nestor; OLINTO, Beatriz Anselmo. Memória, ressentimento e politização do trauma: narrativas da II Guerra Mundial (Suábios do Danúbio de Entre Rios, Guarapuava-PR). **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 20, p. 1-26, 2014.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 68-75, 1996.

HARRY R. Entrevista concedida a Méri Frotscher. Entre Rios, Guarapuava-PR, 14.05.2013.

HOCHGATTERER, Anton. **Entre Rios: Donauschwäbische Siedlung in Südbrasilien**. Salzburg, Haus der Donauschwaben/Österreichisches Forschungsinstitut für Tropen und Subtropen/Deutsche Burse, 1986.

JOHANN R. Entrevista concedida a Méri Frotscher. Entre Rios, Guarapuava-PR, 29.11.2009.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KENNY, Kevin. **Diaspora: a very short introduction**. New York: Oxford University Press, 2013.

KOHLHEPP, Gerd. Espaço e Etnia. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-401419910001000008&script=sci_arttext>. Acesso em: 07/08/2017.

KOSSERT, Andreas. **Kalte Heimat: Die Geschichte der deutschen Vertriebenen nach 1945**. 2. Auflage. München, Siedler Verlag, 2009.

LEICHT, Sebastian; VETTER, Roland. **Donauschwaben in Brasilien**. Passau: Verlag Passavia Passau, 1982.

PESAVENTO, Sandra. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena. (Org.) **Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002, p. 35-39.

PLATO, Alexander. Interview-Richtlinien. In: PLATO, Alexander.; LEH, Almut; THONFELD, Christoph. (Ed.). **Hitlers Sklaven: Lebensgeschichtliche Analysen zur Zwangsarbeit im internationalen Vergleich**. Wien, Köln, Weimar: Böhlau, 2008, p. 443-450.

RONCAYOLO, Marcel. Território. In: **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. V. 8: Região. Lisboa: Einaudi, 1986, p. 262-290.

SAID, Edward. **Orientalismo**: a invenção do Oriente pelo Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SANQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções sobre Território**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SCHULZE, Mathias; SKIDMORE, James. Diaspora Experiences: German Immigrants and Their Descendants. In: SCHULZE, Mathias.; SKIDMORE, James; JOHN, David; LIEBSCHER, Grit. SIEBEL-ACHENBACH, S. (Ed.) **German Diasporic Experiences: Identity, Migration, and Loss**. Waterloo: Wilfried Laurier University Press, 2008, p. xiii-xix.

SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania: A imigração alemã e o Estado brasileiro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, XV11, Caxambu, MG, 22 a 25 de outubro de 1993**Anais...**, 1993. Disponível em: <www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/IDENTIDADE-ÉTICA.pdf> . Acesso: 07/08/2017.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. **Usos & Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 131-137.

STEIN, Marcos Nestor. **O Oitavo Dia**: produção de sentidos identitários na Colônia Entre Rios – PR (segunda metade do século XX). Guarapuava: Unicentro, 2011.

TRINCA, Walter. O sistema mental determinante da inveja. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 43, n. 3, p. 51-58, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So486-641X2009000300006> Acesso: 07/08/2017.

VARELA, Brisa. **Geografías de la Memoria**: lugares, desarraigos y reconstitución identitaria en situación de genocidio. Buenos Aires: Univ. Nacional de La Plata, 2009.

VECCHIA, Adriana Dalla; JUNG, Neiva Maria. Paisagem linguística em um contexto suábio-brasileiro: mobilidade e representação de uma comunidade germânica. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, n. 40, p. 115-128, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/download/1021/851>>. Acesso: 08/08/2017.

WEBER, Regina. Líderes, intelectuais e agentes étnicos: significados e interpretações. **Diálogos**, Maringá, v. 18, n.2, p. 703-733, mai.-ago./2014.

WELZER, Harald; MOLLER, Sabine; TSCHUGGNALL, Karoline. **Opa war kein Nazi: Nationalsozialismus und Holocaust im Familiengedächtnis**. 6a. ed. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 2008.

WELZER, Harald. **Kommunikatives Gedächtnis**. 2. Auflage. München: Beck, 2008.

Recebido em 18/08/2017

Aprovado em 12/12/2017

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Programa de Pós-Graduação em História - PPGH

Revista Tempo e Argumento

Volume 10 - Número 24 - Ano 2018

tempoeargumento@gmail.com